



O ENSINO DE LEITURA EM AULAS REMOTAS: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO
Ana Caroline Concentino Batista, Erika Santos Bezerra, Giovani de Lima Marques, José Alfredo da
Costa Oliveira, Josimar Diogo da Silva, Krizia Ribeiro Coura, Marcos Paulo Pereira Ribeiro,
Sophia de Oliveira Faria, Alba Helena Fernandes Caldas.
anacarolinecb@hotmail.com, erikasantoos133@gmail.com, giovanimarques99@hotmail.com,
jalfredocostaoli@gmail.com, josimardiogosilva@hotmail.com, kriziacoura15@gmail.com,
msrcksmrc@gmail.com, sopof13@gmail.com, albacaldas@yahoo.com.br

RESUMO

A presente pesquisa surgiu a partir de atividades desenvolvidas pelos alunos bolsistas no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Letras do Centro Universitário de Itajubá – FEPI e com os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Major João Pereira, localizada no município de Itajubá, no Estado de Minas Gerais. Objetivamos neste trabalho identificar e propor intervenções pedagógicas acerca das dificuldades que limitam o trabalho com o ensino de leitura nas turmas de 8º e 9º ano da Escola Estadual Major João Pereira, durante o Regime de Estudo Não Presencial proposto pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, como medida de segurança sanitária provocada pela pandemia de Covid-19. O método adotado para a sistematização de tal investigação é o da revisão bibliográfica. Além disso, recorreremos à pesquisa de campo, com a análise das avaliações mediadas pelas fichas de leitura preenchidas pelos alunos e as impressões levantadas por eles em uma roda de conversa remota, após lerem as obras literárias propostas (“Meu Nome é Parvana”, de Deborah Ellis para o 8º ano e “O Escaravelho do Diabo”, de Lúcia Machado de Almeida para o 9º ano). Os resultados iniciais apontam uma considerável dificuldade no trabalho das práticas pedagógicas de leitura, devido às questões como falta de foco, concentração e motivação, que repercutem no processo de ensino e aprendizagem como um todo, acentuada pelo contexto pandêmico. É importante ressaltar que tais resultados ainda se encontram em análise. As conclusões obtidas ao longo desta pesquisa apontam a possibilidade de identificarmos determinadas dificuldades relacionadas à prática pedagógica de leitura no regime de aulas remotas durante a pandemia, ao mesmo tempo em que é possível traçarmos estratégias de ações pedagógicas, visando despertar o interesse e a motivação dos alunos em relação ao ensino de leitura.



PARTÍCULAS GRAMATICAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA E JAPONESA: SUAS APARIÇÕES EM FRAGMENTOS DE LETRAS DE MÚSICAS

Giulia Rafaela Ramos Gonçalves , Alba Helena Fernandes Caldas

giuliarafaela692@gmail.com , albacaldas@yahoo.com.br

RESUMO

O estudo está amplamente designado na área da gramática. E tem como abordagem o tema “Partículas Gramaticais: suas utilizações e diferenças na Língua Portuguesa e Japonesa”, trazendo mais notoriedade a este âmbito que é tão pouco explorado. Visto que os materiais de estudos desta área são bem escassos. O foco deste trabalho é mostrar o que são Partículas e como elas são importantes nesses idiomas. Isto é, abarcando suas diferenças e seus usos na escrita e na oralidade. As partículas japonesas são sufixos da gramática que seguem ou modificam um substantivo, verbo, adjetivo ou sentença. Elas possuem uma grande variedade gramatical e podem ter vários significados ou funções, como expressar a emoção e a intenção do falante. Diferentemente, da partícula portuguesa que tem somente a função de realce, ou seja, de enfatizar uma frase sem modificá-la. No entanto, ambas são muito importantes para a fluência da língua, sendo muito utilizadas. Essa pesquisa tem como ângulo induzir o questionamento sobre como as partículas se comportam em relação a sua respectiva língua – Língua Portuguesa e Língua Japonesa –, tendo como prioridade evidenciar as diferenças existentes entre esses dois mundos. Igualmente, sendo uma maneira de abrir mais discussões sobre esse mote que é tão pouco analisado. Nesse sentido, o objeto geral será de apresentar a diferenciação e as utilizações das partículas portuguesas e japonesas, mostrando as mais usadas pelos falantes portugueses – brasileiros – e pelos falantes japoneses. Destarte, os objetivos específicos serão: de Definir os tipos de partículas, de Identificar seus usos e de Analisar as partículas nos fragmentos de letras de músicas. Notoriamente, serão analisados fragmentos de duas músicas de cada língua, na Língua Japonesa serão as: “Niji” do grupo Shinku Hourou e “New Song” do grupo Tacica, ambos sendo elementos do Anime de Naruto Shippuden, obra de Masashi Kishimoto. Diferentemente, em Língua Portuguesa que serão as: “Indispensável para Mim” (Mientes) da banda Malta e “Meu Lugar” do grupo Onze:20. Com esse intuito, o estudo terá como base as gramáticas de Yûki Mukai e de Domingos Paschoal Cegalla. Além do mais, a fim de realizar uma análise comparativa entre idiomas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, usufruindo de acervos bibliográficos para as análises dos diversos tipos de partículas. Por fim, o estudo mostra-se relevante, uma vez que possibilita trazer a conscientização das partículas gramaticais, sendo elas uma ferramenta fundamental para a execução frasal da língua japonesa. Na língua portuguesa, por sua vez, tem como enfoque essas partículas como acessório de realce. Isto é, mostrando suas funções no âmbito linguístico. Além disso, esses idiomas trazem diversos tipos de partículas. Ademais, também, é importante acrescentar que essa pesquisa será muito necessária para futuros estudantes da área de Letras que procuram saber de forma profunda as utilizações dessa vertente gramatical, sendo um material de ângulo indubitável para estudantes da Língua Portuguesa e Língua Japonesa. Outrossim, interessados sobre a temática abordada também podem estudar, visto que muitas pessoas têm curiosidades em conhecer ou aprender uma língua asiática.



A FÉ E A LITERATURA: A COMPADECIDA DE ARIANO SUASSUNA COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO

Josimar Diogo da Silva, Giuliana Capistrano Cunha Mendes de Andrade

josimardiogosilva@hotmail.com, gcapistrano@lna.br

RESUMO

A presente pesquisa tem como intento estabelecer um profícuo diálogo entre Literatura e Teologia. O objetivo é investigar o papel da Virgem Maria, “A Compadecida”, em uma perspectiva sociolibertadora na obra “O Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna (1927-2014). A justificativa para a realização desta pesquisa consiste numa articulação entre a construção literária e a reflexão advinda do horizonte teológico. Ante a construção literária, o horizonte teológico pode se desdobrar de modo que a reflexão não permanecerá a mesma à medida que assimilar elementos da literatura e/ou da crítica literária. Da mesma forma, pode ocorrer à construção literária a descoberta em si da possibilidade de estar aberta ao diálogo com a teologia. O método adotado para a sistematização de tal investigação é o da revisão bibliográfica. Foram de grande valia para a realização desta pesquisa a análise de comentários específicos da teoria e/ou da crítica literária, análises crítico-literárias da obra de Suassuna bem como de estudos teológicos mais estritamente ao que se refere ao campo teológico conhecido como Teologia da Libertação e um de seus principais postulados, o da opção preferencial pelos pobres, com a finalidade de se estabelecer uma maior interação entre a obra literária investigada e a reflexão teológica, respeitando suas respectivas epistemologias. Os resultados obtidos ao longo desta investigação apontam a possibilidade de abordarmos a personagem Compadecida sob a ótica literário-teológica como representação de um ideal teológico sociolibertador. Notamos que na obra suaussuriana a realidade social é constantemente interpelada pela fé. Tal interpelação tem seu ápice na figura da Compadecida que na cena do julgamento pós vida do personagem João Grilo se mostra como uma autêntica imagem (imago) de uma justiça social efetivada em favor dos mais pobres, necessitados, marginalizados e excluídos, aos quais a Compadecida inspira - enquanto estímulo e referência – no que tange à esfera sociopolítica. A Compadecida pode ser compreendida como aquela que realiza a passagem do ethos à práxis, ou seja, de compaixão à luta, fazendo referências a valores éticos ao enfatizar temas como a exploração do pobre, sua marginalização –um dos temas centrais da Teologia da Libertação – associando a este mesmo tema outros temas também de grande pertinência como, abuso por parte das autoridades religiosas, infidelidade conjugal, regime patriarcal, subordinação da mulher ao homem e a violência doméstica. Temas que conferem à personagem um simbolismo que expressa seu protagonismo ainda maior de resistência cultural, valorização da mulher, sua liberdade e emancipação e afirmação da identidade cultural em seus mais diversos aspectos.



AS TENSÕES ENTRE A AÇÃO HUMANA E O DESTINO EM “ÉDIPO REI” E EM
“ANTÍGONA”: IMPLICAÇÕES E DISCUSSÕES NA MITOLOGIA E NA OBRA DE
SÓFOCLES

Camilly Daniely dos Santos, Guilherme Ferreira Aniceto, Ludmila Lidiane Braga, Giuliana
Capistrano Cunha Mendes de Andrade

camillydaniely.s@gmail.com, guilhermefaniceto@gmail.com, ludmilabraga455@gmail.com,
gcapistrano@lna.br

RESUMO

Sófocles foi um escritor de tragédias da Grécia Antiga. Seus trabalhos retratam situações ligadas à nobreza. A obra “Édipo Rei”, por exemplo, narra a trajetória de um rei, em torno da descoberta de suas origens. Diferentemente do que se escrevia, à época, em termos de tragédias, a literatura sofocliana aborda a temática com uma inovação: além da Mitologia e da presença da vontade dos deuses, é relevante o envolvimento do ser humano na construção do próprio destino. Nesse sentido, este artigo encontra sua motivação na reflexão acerca das tensões que o autor estabelece entre os papéis do herói e das manifestações divinas, de modo a tentar responder a uma questão complexa, do ponto de vista literário e filosófico: quem é mais forte – a vontade humana ou o querer dos deuses? Sob essa ótica, objetiva-se analisar, concomitantemente, os ditames dos oráculos e as ações dos heróis da narrativa de Sófocles, na tentativa de contrapesá-los. Pretende-se estabelecer os limites dos dois lados, tanto para a obra “Édipo Rei”, quanto para a sua continuação: “Antígona”, tragédia que expõe os destinos da prole do herói. O futuro de Édipo foi predito pelo oráculo de Delfos, dedicado ao deus Apolo: ele mataria o próprio pai e se casaria com a própria mãe. Mas o herói, dotado de vontade e em fuga da previsão, vence o monstro da Esfinge, que aterrorizava Tebas, e é nomeado rei, casando-se com Jocasta, viúva do rei Laio. Este foi por Édipo, na disputa pela passagem em uma estrada estreita. Durante seu reinado, os deuses enviam pragas à cidade. O oráculo revela que o motivo para que seus domínios enfrentem o sofrimento é, justamente, a morte de Laio e a presença do culpado ali. Com obstinação e a despeito de diversas tentativas de Jocasta no sentido de dissuadi-lo das investigações, Édipo descobre-se culpado. Mais que isso, descobre-se filho do homem que matara e da mulher que acabara por desposar. Descobre que fora adotado pelos reis de Corinto, após ter sido abandonado pelos pais biológicos. Parricida e incestuoso, mas revestido de honra, Édipo inflige a si mesmo o sacrifício da cegueira e o exílio, deixando para trás seus descendentes. Com exceção da filha caçula, Ismênia, sua prole morre em circunstâncias trágicas e oriundas das próprias vontades e princípios: os filhos homens matam-se, um ao outro, na disputa pelo reino; enquanto Antígona comete suicídio, após ser punida por contrariar os desígnios do rei Creonte, seu tio. Vale frisar que as personagens envolvidas nas obras advêm de narrativas míticas, evidenciando que Sófocles não as criou; a partir delas, empreendeu sua arte literária. Assim, toda a narrativa do mito, inclusive a parte que Sófocles omite, é relevante no entendimento das tensões aqui problematizadas. No contexto exposto, as análises revelam que o autor não resume a Mitologia aos mandos divinos. Pelo contrário, traz à tona a liberdade humana para escolher seus caminhos que, eventualmente, podem levar ao cumprimento do que os deuses apontam. É nessa dicotomia, herói-deus, em que Sófocles tensiona o destino. A



tragédia consiste, agora, não apenas na inevitabilidade do oráculo, mas na experimentação da liberdade e, em última instância, no sacrifício. Considerando que o ser humano, até então, fora tratado como brinquedo dos deuses, afirma-se que há em “Édipo Rei” e em “Antígona” o princípio de algum distanciamento do mito, bem como sinais de uma filosofia centrada no ser humano.



MULHER, MÃE E ESPOSA: AS DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE JOCASTA,
PERSONAGEM DA PEÇA “ÉDIPO REI” DE SÓFOCLES.

Danielle Nogueira Batista, Isabela de Faria Vaz, Giuliana Capistrano Cunha Mendes de Andrade.

daniellenogbatista@gmail.com, isabelaf.vaz@hotmail.com, gcapistrano@lna.br

RESUMO

A peça “Édipo Rei”, de Sófocles é classificada, a partir da teoria da literatura, como uma tragédia. Na peça, Édipo descobre quem é realmente: marido de sua própria mãe, pai e meio-irmão de seus próprios filhos. O mito de Édipo é mundialmente conhecido e muito tem-se estudado sobre ele, dentro e fora da tragédia de Sófocles. Este trabalho é uma revisão bibliográfica da tragédia Édipo Rei, de Sófocles, com enfoque na personagem Jocasta. Na obra, Jocasta é uma personagem secundária. É esposa de Édipo e depois descobre ser também sua mãe. No presente trabalho, Jocasta torna-se o centro dos estudos e é analisada a partir das suas perspectivas como mulher, mãe e esposa. Na peça, assim que Édipo começa a descobrir a verdade sobre sua história, Jocasta passa a temer o seu futuro e de todos os envolvidos. Diante da iminente tragédia, a personagem se vê em conflitos pessoais com relação aos seus papéis de mulher, mãe e esposa. As escolhas de Jocasta colocam-na em uma fronteira entre a mãe e a mulher. De acordo com o mito que envolve a família de Laio, seu primeiro marido e pai de Édipo, Jocasta e Laio não poderiam ter filhos, pois este mataria o pai e se casaria com a mãe. Quando Édipo nasce, o casal decide se desfazer dele. Neste momento, Jocasta escolhe preservar o seu casamento, demonstrando que sua relação com Laio era muito importante para ela, a ponto de entregar a vida do seu filho para que a profecia não se cumprisse. A maternidade de Jocasta fica em segundo plano, uma vez que ela se desfaz do filho facilmente, comprovando a análise freudiana que afirma que para a mulher ser amada é mais importante que amar. Como esposa de Édipo, percebe a verdade frente a revelação dos acontecimentos antes mesmo do marido e filho. Ciente dos fatos, muitos deles provocados por ela mesma, implora para que Édipo não investigue toda a história, como se fosse possível a verdade desaparecer na ignorância. Esposa culpada, comete seu último crime, o suicídio; negligencia todos os fatos e não assume sua culpa, preferindo fugir e deixando filhos e marido à própria sorte. A partir da análise da personagem sob essas perspectivas, podemos concluir que Jocasta não teve sucesso em nenhum de seus papéis, quais sejam, mãe, mulher e esposa, e cometeu suicídio, na tentativa de colocar fim a todo o sofrimento causado pela tragédia de ter desposado o próprio filho.